

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

LIBÂNIA BEZERRA DE MENDONÇA
SIZENANDO QUINTINO DAS NEVES NETO

**NARRATIVA VISUAL, JANELAS DO MUNDO:
A arte do fotodocumentarismo na série “Tales By Light”**

RECIFE
2023

LIBÂNIA BEZERRA DE MENDONÇA
SIZENANDO QUINTINO DAS NEVES NETO

**NARRATIVA VISUAL, JANELAS DO MUNDO:
A arte do fotodocumentarismo na série “Tales By Light”**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Jornalismo do Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA,
como parte dos requisitos para
conclusão do curso de Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula
Bornhausen da Silva Bandeira
Coorientador: Prof. Esp. Tércio Al
ves

RECIFE
2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

M539n Mendonça, Libânia Bezerra de.

Narrativa visual, janelas do mundo: a arte do fotodocumentarismo na série "tales by light" / Libânia Bezerra de Mendonça; Sizenando Quintino das Neves Neto. - Recife: O Autor, 2023.

36 p.

Orientador(a): Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Jornalismo, 2023.

Inclui Referências.

1. Fotografia. 2. Fotojornalismo. 3. Fotografia documental. 4. Jornalismo. 5. "Tales by light". I. Neves Neto, Sizenando Quintino das. II. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. III. Título.

CDU: 070

LIBÂNIA BEZERRA DE MENDONÇA
SIZENANDO QUINTINO DAS NEVES NETO

**NARRATIVAS VISUAIS, JANELAS DO MUNDO:
A arte do fotodocumentarismo na série “Tales by Light”**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Jornalista, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.^a Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira
Professora Orientadora

Prof.^a Ma. Maria Cecília Beltrão Raposo
Professora examinadora

Prof. Esp. Everson Teixeira
Examinador externo

Recife, _____ de _____ de 2023

NOTA: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por esta oportunidade. A minha família, meus pais Eline e Jonas, as minhas irmãs Lílian e Liviane e ao meu filho Marcelo pelo apoio. A todas as equipes médicas com quem eu trabalho, pelo estímulo e confiança. A todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial aos que estiveram comigo desde os primeiros períodos: Cecília Beltrão, Davi Barboza e Everson Teixeira.

A todos os meus amigos de turma que direta ou indiretamente me ajudaram nesta caminhada, em especial a Joselane Medeiros e Jefferson Melo (Jeff Journals). À Dra. Cláudia Molina, este ser de luz, anjo sem asas que Deus colocou em minha vida. Muito obrigada por não desistir de mim, pela sua paciência, dedicação e por todo aprendizado compartilhado. Por fim, agradeço ao Professor Tarsio Alves, nosso coorientador, e às Professoras Ana Paula Bandeira e Cecília Beltrão por toda dedicação.

Libânia Bezerra de Mendonça

Primeiramente a Deus, por essa vitória. Agradeço de coração a todos os meus amigos que estiveram ao meu lado ao longo dos anos de curso, me apoiando e incentivando em cada etapa. Suas palavras de encorajamento e gestos de amizade foram fundamentais para superar os desafios e alcançar esse momento.

Em especial, gostaria de expressar minha gratidão a Melina Feitosa Melo, cujo apoio incondicional e companheirismo foram essenciais para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Sua presença constante e apoio sincero ao longo desses quatro anos de curso foram uma verdadeira bênção em minha jornada e na minha vida. Muito obrigado a todos vocês por fazerem parte dessa caminhada e por serem verdadeiros amigos.

Sizenando Quintino das Neves

“O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra. Há uma ligação em tudo.”

(mensagem do Chefe Seattle ao presidente americano Franklin Pierce, em 1854, quando o governo americano manifestou interesse em adquirir o território da sua tribo)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso realiza uma análise sobre a série produzida pela Canon Austrália em parceria com a Untitled Film Works e disponível na Netflix, “Tales by Light” e, no contexto da série, a importância da fotografia como ferramenta de comunicação. A análise foi realizada com base em três episódios: (1) Submerso, da primeira temporada, com fotografias de Darren Jew; (2) Natureza Sagrada (parte 1), da segunda temporada, com fotografias de Jonathan e Angela Scott; e (3) Algo Errado no Paraíso (parte 1), da terceira temporada, com fotografias de Shawn Heinrichs. Pode-se inferir que o objetivo dos profissionais da série é apresentar o conteúdo da imagem fotográfica de forma contextualizada e acessível, permitindo a socialização do conhecimento sobre as temáticas e as técnicas fotográficas com o espectador, seja ele um fotógrafo ou não.

Palavras-chave: fotografia; fotojornalismo; fotografia documental; jornalismo; “Tales by Light”.

ABSTRACT

This course completion work analyzes the series produced by Canon Australia in partnership with Untitled Film Works and available on Netflix, "Tales by Light" and the importance of photography as a communication tool. The analysis was based on three episodes: (1) Underwater, from the first season, with photographs by Darren Jew; (2) Sa-nature grada (part 1), from season two, with photographs by Jonathan and Angela Scott; and (3) Something Wrong in Paradise (part 1), from season three, with Shawn Heinrichs photography. It can be inferred that the objective of the professionals in the series is to present the content of the photographic image in a contextualized and accessible way, allowing the sharing of knowledge about the themes and photographic techniques with the spectator, whether he is a photographer or not.

Keywords: photography; photojournalism; documentary photography; journalism; "Tales by Light".

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Abertura da série.....	17
Imagem 2- Darren Jew.....	19
Imagem 3- Acasalamento das baleias.....	20
Imagem 4- Baleia e filhote.....	21
Imagem 5- Vulcão Tavorvur.....	23
Imagem 6- Foto com lente olho de peixe.....	23
Imagem 7- Bimotor Mitsubishi.....	24
Imagem 8- Angela e Jonathan Scott.....	26
Imagem 9- Dança na cultura Massai.....	28
Imagem 10- Ave secretário.....	29
Imagem 11- Graú corado.....	29
Imagem 12- Em busca da presa.....	30
Imagem 13- Shawn Heinrichs.....	31
Imagem 14- Golfinhos mortos.....	33
Imagem 15- Barbatanas de tubarão.....	33
Imagem 16- Tubarão sem barbatana.....	34
Imagem 17- Foto do comercial.....	35
Imagem 18- Yao Ming.....	35
Imagem 19- Shawn com a câmera.....	37
Imagem 20- Águas vivas.....	38
Imagem 21- Raia Manta Negra.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1- JUSTIFICATIVA.....	10
1.2- OBJETIVO GERAL.....	11
1.2.1-Objetivos específicos.....	11
2. METODOLOGIA.....	11
3. FOTOGRAFIA, FOTOJORNALISMO E FOTODOCUMENTARISMO.....	12
3.1 BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA.....	12
3.2 ANÁLISES DOCUMENTAIS EM FOTOGRAFIAS.....	16
4. ANALISANDO A SÉRIE “TALES BY LIGHT”.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

“Tales by Light” é uma série audiovisual, produzida pela Canon Austrália em parceria com a Untitled Film Works e disponível na Netflix, que a classifica como série documental. Foi idealizada por Abraham Joffe e lançada em 2015. A produção, que até o presente momento, possui três temporadas, mostra a rotina de fotógrafos e cinegrafistas que viajam pelo mundo capturando imagens de culturas, habitats e ambientes. A série ainda apresenta as técnicas fotográficas utilizadas em busca da melhor foto e a importância da tecnologia para o auxílio desses profissionais.

Para Martin (2003), os fotógrafos impõem temas às suas fotografias. A câmera capta e interpreta a realidade. Logo, as fotografias são também uma interpretação do mundo tal como as pinturas ou os desenhos. A partir desse entendimento, a série “Tales by Light”, permite reflexões sobre a preservação do meio ambiente e sobre culturas que podem ser impactadas de forma negativa através da exploração, repressão e globalização.

O fotodocumentarismo é uma forma de contar histórias por meio de imagens, capturando momentos únicos e transmitindo emoções que muitas vezes não são possíveis de serem expressadas através das palavras. Conforme Lombarde (2007), o fotógrafo documentarista pode ter a liberdade de dirigir a cena, chegando em algumas situações a interferir na produção da imagem, contando com a ajuda de seus personagens ou mudando (incluindo ou retirando com as próprias mãos) os objetos da cena.

1.1 JUSTIFICATIVA

Como consumidores de séries documentais, observamos que esse tipo de produção tem ganhado espaço em plataformas *streaming*, o que justifica estudos sobre o tema, como o aqui proposto.

Além disso, um dos integrantes da equipe, Sizenando Neves, é fotógrafo de vida selvagem e produtor audiovisual, o que justifica também o interesse pela temática, sobretudo pelos episódios que retratam a vida selvagem.

Ao analisar as imagens na série, é possível examinar de que forma os fotógrafos buscam transmitir emoções, contar histórias e despertar uma reflexão crítica por meio de suas imagens. O conteúdo oferece um ponto de partida para uma reflexão sobre o impacto e o poder das imagens na construção de uma consciência coletiva.

1.2. OBJETIVO GERAL

Analisar o papel da fotografia e a narrativa da série "Tales by Light".

1.2.1. Objetivos específicos

1. Analisar de que forma a fotografia é utilizada na série.
2. Analisar de que forma foi construída a narrativa da série.
3. Definir critérios para a escolha dos episódios que irão servir como corpo de análise neste trabalho.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta análise, conceituamos fotografia e tratamos da produção do fotodocumentarismo nos dias atuais. Para tal, trabalhamos autores como Souza (2002), Barthes (1984) e Berger (1972).

Além disso, inspirados nas técnicas do método de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), criamos critérios de análise e categorizamos as informações levantadas para facilitar descrições, comparações e inferências. Para Bardin,

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011, p. 44)

Foram selecionados três episódios, um de cada temporada, que possuem em média 20 minutos e que abordam o tema meio ambiente. Cada episódio foi dividido em quatro blocos aos cinco, dez, quinze e vinte minutos, para que pudéssemos realizar uma análise mais detalhada e comparar os três episódios e a sequência dos elementos presentes em cada produção. Os episódios selecionados foram:

Temporada 1- Episódio 1- Submerso

Temporada 2 - Episódio 1- Natureza Sagrada (parte 1)

Temporada 3 - Episódio 3- Algo errado no paraíso (parte 1)

Analisamos se existe um padrão na construção de cada episódio. O que acontece nos cinco primeiros minutos de cada, se existe a presença de uma abertura específica, narrador, se o narrador é uma segunda pessoa ou o próprio fotógrafo do episódio, se existe som ambiente, música se o fotógrafo já apresenta a mensagem que deseja passar com seu trabalho, se traz algum tipo de reflexão, e quais as técnicas de fotografia foram utilizadas durante esse tempo. Essa mesma análise é feita nas minutagens de dez, quinze e vinte minutos em todos os episódios. Na sequência, realizamos a comparação entre os três episódios escolhidos.

3. FOTOGRAFIA, FOTOJORNALISMO E FOTODOCUMENTARISMO

3.1. BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Desde o início da humanidade, o homem já demonstrava a necessidade de retratar a realidade que o cercava por meio de formas como pinturas rupestres espalhadas ao redor do mundo no interior de cavernas e paredões rochosos. Com o passar do tempo, outras formas de representação surgiram, incluindo a escrita e, posteriormente, a fotografia.

A fotografia nasceu no século XIX, beneficiando-se de descobertas e inventos anteriores, como a câmara escura, e da vontade de se encontrar um meio que permitisse a reprodução mecânica da realidade visual. Berger (1972) argumenta que nossa percepção visual é influenciada por uma série de fatores sociais e culturais, e que a imagem, como um produto cultural, é carregada de significados e valores que variam de acordo com o contexto em que é produzida e consumida. Ele propõe que devemos nos questionar sobre o que estamos vendo e como estamos vendo, e que a arte pode nos ajudar a enxergar o mundo de maneiras diferentes.

A palavra FOTOGRAFIA quer dizer "desenho de luz" (foto = luz; grafia =marca), e, assim fazendo, destruiu a ideia das imagens serem atemporais. Ou, para colocar de outra forma, a câmera mostrou que a noção do passar do tempo era

inseparável da experiência do visual (à exceção das pinturas). O que se via era relativo à sua posição no tempo e no espaço. Não era mais possível imaginar todas as coisas convergindo para o olho humano como para o ponto de fuga do infinito

O aparecimento da fotografia provoca, assim, uma crise de readaptação no universo da arte representacional, 'privada' do realismo por outro realismo. Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo.

A fotografia representa o detalhe, a minúcia, a perspectiva, a luz, o momento fugaz, a espontaneidade, e a velocidade que muitos procuravam, mas não conseguiam por outros meios. Não é de hoje a afirmação que a invenção da fotografia libertou a pintura para encontrar a sua verdadeira vocação expressiva. Poderíamos até afirmar que, do ponto de vista de um determinismo histórico, a humanidade estava fadada a descobrir a fotografia ou alguma coisa semelhante porque não desistiria dessa busca até chegar ao que procurava (HARRELL 2002).

A grande revolução impulsionada pela fotografia reside na possibilidade de imortalizar imagens reais em suportes móveis e uma já vasta bibliografia aponta que a invenção da fotografia acarretou mudanças na sociedade, pois ela trazia consigo novas possibilidades de informação, de conhecimento, suporte para pesquisas nas mais diversas áreas. Novas possibilidades que, de fato, vieram para ficar.

O uso da fotografia no jornalismo ocorreu na medida em que se dava a evolução tecnológica da área, permitindo abandonar pesados equipamentos de produção demorada e de difícil manuseio para equipamentos menores e mais leves, que conseguiam produzir uma imagem em muito menos tempo e que possibilitavam o rápido deslocamento do repórter para os locais onde tinham que ser feitos os registros. Essas manifestações iniciais do que viria a ser fotojornalismo podem ser percebidas quando os primeiros apaixonados por fotografia se usavam da câmera para levar determinados acontecimentos a público, com uma perceptível intenção testemunhal.

Essas pessoas empreendiam as expedições, carregando consigo os pesados equipamentos e os próprios laboratórios, registrando imagens distantes, sem

censura, sem cortes, mesmo que depois, os gravuristas, na hora de reproduzir essas imagens, adicionassem elementos que originalmente não existiam nos fotogramas.

A fotografia está frequentemente relacionada à ideia de "documento". Isso significa que, em primeiro lugar, a fotografia serve para testemunhar uma realidade e, posteriormente, para lembrar a existência dessa mesma realidade. Na palavra "documento", também está implícita a ideia de exclusividade: seu valor é maior quando é única.

Para Souza (2002), o fotojornalismo está fortemente ligado a eventos e notícias atuais. As fotografias são capturadas no momento em que os eventos ocorrem e são publicadas rapidamente para informar o público em tempo real. O foco está nas últimas notícias e a cobertura é muitas vezes pontual e específica. Já o fotodocumentarismo pode ser um processo mais longo e envolve uma cobertura mais ampla e aprofundada. Os fotodocumentaristas podem passar meses ou até anos documentando um determinado tema ou história. Eles têm a oportunidade de explorar diferentes aspectos e perspectivas, permitindo uma visão mais completa e complexa do assunto.

A fotografia documental só começou a se desenvolver como uma forma distinta de fotografia no início do século XX, com a crescente popularidade dos jornais e revistas ilustrados. Os fotógrafos documentais começaram a ser contratados por essas publicações para registrar eventos importantes, como guerras, revoluções, desastres naturais, além de documentar o cotidiano das pessoas em diferentes partes do mundo.

A fotografia documental (...) engloba uma grande diversidade propostas éticas e estéticas, formando uma verdadeira espiral de contradições e aderências sobre a sua prática, valores e propósitos. Temas sociais, impressões sobre o mundo, vida cotidiana, cenas de guerra, registros de viagens, os mais diferentes tipos de fotografia podem ser classificados como documentais. (...) Entre todas as formas de abordagem é consenso entre pesquisadores o reconhecimento da dificuldade em se conseguir uma definição satisfatória do termo (LOMBARDI, 2007, p.31)

Esse tipo de fotografia tem como proposta narrar uma história por meio de uma sequência de imagens. Com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão.

Para Hicks (1952), no início do século XX, quando um fotógrafo adentrava um local para fotografar pessoas, estas interrompiam suas atividades, se arrumavam, olhavam para a câmera e posavam. Atualmente, as pessoas buscam demonstrar seu estado natural, pois as convenções fotográficas contemporâneas valorizam o espontâneo e o instantâneo. Isso evidencia que as convenções atuais diferem das vigentes na transição do século XIX para o XX. No entanto, as pessoas parecem dominar as convenções de sua época. Trata-se de uma questão de compreensão histórico-cultural.

A modificação de atitudes e ideias sobre a imprensa contribuiu para a emergência do moderno fotojornalismo na Alemanha dos anos vinte. A aparição de máquinas fotográficas como a Leica, mais pequenas e providas de objectivas luminosas, possibilitou a obtenção de imagens espontâneas e de fotografias de interiores sem iluminação artificial, o que permitiu a aparição da "fotografia cândida" (candid photography). O valor noticioso sobrepôs-se, pela primeira vez, à nitidez e à reprodutibilidade enquanto principal critério de seleção (SOUZA 2002).

Ainda segundo Souza (2002), no campo do fotojornalismo, os conflitos pós-guerra se tornaram um terreno fértil, especialmente no que diz respeito às agências. As agências fotográficas, juntamente com os serviços fotográficos das agências de notícias, ganharam crescente importância após a Segunda Guerra Mundial. Por um lado, a fotografia jornalística e documental encontrou novas e mais profundas formas de expressão, impulsionadas por debates em andamento e pelo surgimento de novos autores. Por outro lado, a rotinização e a padronização do trabalho fotojornalístico levaram a uma certa banalização do produto fotográfico, com a produção em série de fotos de eventos cotidianos. Essas duas linhas de evolução contraditórias coexistiram até os dias atuais, mas foram acompanhadas por uma terceira vertente: a "foto ilustrativa", incluindo a fotografia de glamour, de celebridades e institucional, que ganharam destaque na imprensa, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, período que marcou o triunfo do design.

Segundo Buitoni (2016), a fotografia contemporânea, quando compreendida e explorada em toda a sua complexidade, tem o potencial de trazer ao jornalismo formas mais expressivas e informativas. Apesar de cada vez mais virtual, a fotografia ainda desempenha um papel importante. Todas as formas de representação inevitavelmente se questionam, em algum momento, sobre sua relação com a realidade.

3.2. ANÁLISES DOCUMENTAIS EM FOTOGRAFIA

A análise documental da fotografia tem como propósito:

Entende-se por análise documental o conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação (CUNHA 1989, p. 40)

Para Boccato e Fujita (2006), a análise documental de imagens deve seguir os princípios da documentação, assegurando a confiabilidade e a segurança durante a recuperação das informações pelo usuário. Dessa forma, a análise documental tem como objetivo principal facilitar a identificação de materiais informativos que atendam satisfatoriamente às necessidades dos usuários, além de permitir a tomada de decisões relacionadas à consulta e seleção de um documento específico. Para garantir o cumprimento adequado dessas funções, as informações documentais devem ser elaboradas utilizando métodos que preservem a equivalência entre o significado do texto original e sua representação.

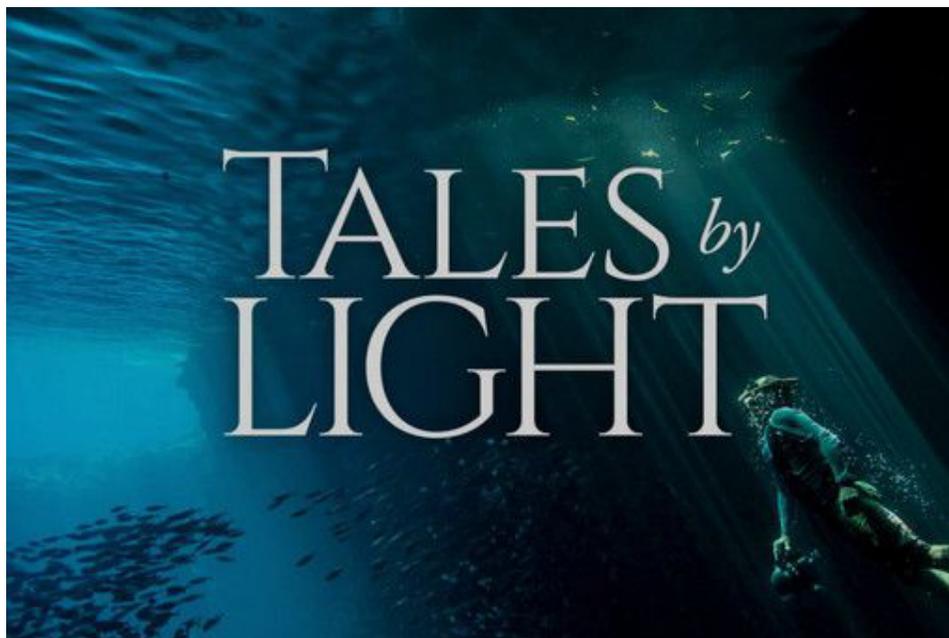
A fotografia é um objeto, é uma representação do real. Barthes (1984) afirma que a fotografia como objeto possui três práticas: fazer, suportar e olhar. O fazer é a ação do fotógrafo que ele nomeia de operador; o suportar é o referente, o objeto fotografado que ele chama de *spectrum* e o “olhar” somos todos nós, todas as pessoas, denominados de *spectador*. Seguindo a ótica do autor, a descrição do conteúdo da imagem fotográfica deve apresentar o contexto que o operador se propôs a representar por meio do *spectrum* enquanto objeto referente e as respostas para as necessidades de informação manifestadas pelo *spectador*.

De acordo com Panofsky (1979) todas as imagens desempenham uma função específica e possuem um conteúdo significativo. Além de serem representativas, as imagens também são narrativas. É fundamental que o conteúdo da imagem seja considerado dentro do contexto de sua criação e recepção, sendo necessário sempre contextualizá-la adequadamente.

De acordo com Smit (1989), a descrição de uma imagem nunca é completa. O profissional da área da informação, seja em um arquivo, biblioteca, museu ou centro de documentação, sempre se depara com a conotação da imagem, ou seja, seu significado, interpretação e suas raízes culturais, que influenciarão significativamente o processo de análise documental, incluindo a descrição e indexação dessa imagem. Portanto, esse processo requer um alinhamento entre a perspectiva do profissional da informação e a perspectiva do usuário.

4. ANALISANDO A SÉRIE “TALES BY LIGHT”

Imagem 1: Abertura da série



Fonte: Netflix

A série “Tales by Light” é uma produção documental sobre fotografia co-produzida pela Canon Austrália cujo título significa Contos de Luz. A série foi pensada de uma forma que os espectadores da fotografia pudessem ter um entendimento do que está sendo proposto pelos fotógrafos durante os episódios, seja do ponto de vista técnico ou pela finalidade da produção de cada fotografia. O modo como as histórias se desenvolvem traz clareza e nos permite refletir sobre questões importantes apresentadas durante as produções.

Watts (1999) cita:

É difícil prever o quanto uma tomada da câmera irá funcionar na tela. Tomadas nas quais você trabalhou como um mouro acabam resultando medíocres; tomadas que você fez em cima de uma ideia de última hora acabam contendo todos os ingredientes importantes [...] Por isso, quando você está trabalhando com a câmera, filme e grave para editar. Faça suas tomadas de modo que suas opções de edição fiquem em aberto. Isso não significa que você deve registrar tudo que se move de todos os ângulos possíveis: isso seria tanto um desperdício quanto motivo de confusão. Significa, sim, que você deve planejar e filmar/ gravar de modo a oferecer a mais ampla variedade de opções de corte possível (WATTS, 1999, p.30).

A série é rica em imagens de ângulos e enquadramentos diversos que contribuem para a narrativa da produção e trazem um melhor entendimento acerca dos ambientes escolhidos. A proposta do produtor *Abraham Joffe* é viajar pelo mundo, junto da sua equipe, acompanhando alguns fotógrafos para conhecer,

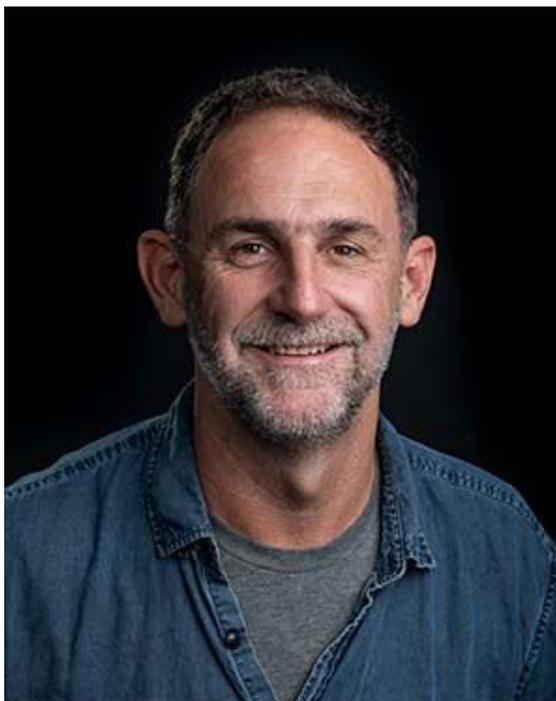
entender e apresentar a suas perspectivas diante do mundo. Todos os episódios iniciam com frase “Toda fotografia poderosa tem uma história poderosa por trás”, e uma de suas principais características é conseguir trazer o lado humano, artísticos e técnicos das fotografias. Em cada episódio os fotógrafos falam da história por trás de suas fotos, oferecendo ao telespectador *“uma visão rara em suas jornadas intermináveis como contadores de histórias visuais. Seus desafios, motivações e momentos de alegria em capturar um momento indescritível pela luz”*, como apresenta o narrador. Ao todo são três temporadas com seis episódios, cada. Neste trabalho iremos analisar Temporada 1- Episódio 1- Submerso, Temporada 2- Episódio 1- Natureza Sagrada (parte 1), Temporada 3- Episódio 3- Algo errado no paraíso (parte 1).

Temporada 1: Episódio 1

Título: Submerso. Duração: 24 min.

O fotógrafo marinho australiano Darren Jew (Imagem 2) capta imagens de baleias-jubarte acasalando em Tonga, as ruínas de um biplano naufragado há 70 anos e um vulcão ativo na Nova Guiné.

Imagem 2: Fotógrafo Darren Jew



Fonte: Netflix

O australiano Darren Jew registra a corrida do acasalamento entre as baleias-jubarte em Tonga, no Pacífico, enquanto divide com o espectador a paixão por fotografar o oceano e o desejo de que suas fotos possam gerar um maior interesse e respeito pelo meio ambiente. Jew também acompanha um vulcão ativo na Nova Guiné e registra as ruínas de um biplano no oceano. O ponto alto do episódio é quando é possível acompanhar Jew realizando a tarefa de fotografar o biplano à noite, usando uma longa-exposição e a técnica light painting¹. Para Bueno (2007), a pauta ambiental deve esclarecer, dialogar, indicar caminhos, buscando aproximar-se daqueles que fazem as coisas acontecerem.

Esse episódio é dividido em três situações: a primeira registra o acasalamento de baleias-jubarte (Imagem 3) quando adentra nas águas cristalinas de Tonga, arquipélago localizado no Pacífico Sul, consegue capturar breves relances no mundo dos gigantes animais; a segunda registra a cratera de um vulcão ativo quando viaja a beira de um mundo perigoso, de difícil acesso e com poucos registros fotográficos; a terceira registra um bimotor utilizado na segunda guerra mundial explora novas técnicas fotográficas nas águas da Papua – Nova Guiné, aventurando-se nas profundezas da história da Segunda Guerra Mundial nas horas mais escuras do oceano.

¹ Light painting, É uma técnica fotográfica que consiste numa longa exposição de luz diante da câmera.

Imagem 3: Acasalamento das baleias



Fonte: Netflix

A fotografiasubaquática ganha destaque ainda nos primeiros momentos, quando, ao longo de sua narrativa, o fotógrafo explica de que forma as fotografias serão realizadas e apresenta a melhor técnica para a profundidade. A narrativa é construída através de dois personagens: o próprio fotógrafo e a presença da voz do narrador que complementa as informações do processo de criação fotográfica.

Quando o fotógrafo se encontra submerso nas águas do Arquipélago de Tonga, aguardando o melhor momento para fazer registro fotográfico, é escolhida a lente grande angular. A escolha desse equipamento, segundo Darren, é para obter uma noção maior da realidade entre a diferença dos tamanhos entre o filhote e a mãe, causando um impacto maior a quem ver a fotografia, tentando mostrar de forma mais real possível o ambiente fotografado (Imagem 4).

Imagem 4: Baleia e filhote



Fonte: Netflix

Para Flusser (1985),

Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais [...]. (FLUSSER, 1985, p.7).

Ainda de acordo com Flusser, quando as imagens são criadas no plano sensível, elas são retiradas da realidade material, resultando na perda de duas características essenciais: a dimensão de profundidade e a dimensão de tempo. Portanto, as imagens ficam limitadas à sua natureza bidimensional. O fotógrafo, aqui, busca ser o mais fiel possível à realidade com o intuito de impactar o espectador diante da grandiosidade encontrada no oceano. A mensagem de seu trabalho não pode ser alterada, aqui, a fotografia não tem como finalidade ser vista como uma arte, mas como uma imagem que comunica, conscientiza e apresenta o mais próximo possível a realidade ali apresentada.

A perspectiva flusseriana traz consigo um novo paradigma, caracterizado pelo reducionismo conceitual promovido pela imagem técnica. Essa forma de imagem abstrai informações textuais complexas, convertendo-as em uma forma de informação simples e superficial: a imagem. Essa concepção também é adotada na obra "Câmara Clara", na qual a fotografia é considerada apenas uma contingência

representativa, uma vez que o texto possui a capacidade de apresentar ações que conduzem à reflexão das informações.

Ainda nos primeiros cinco minutos temos a voz do narrador: *“Darren procura captar um dos fenômenos mais raros de se testemunhar. Gigantes do oceano competindo entre si para assumir uma companheira”*.

O narrador relata a disputa dos machos para acasalar com as fêmeas e o fotógrafo descreve a ansiedade de registrar a fotografia do acasalamento. Nesse momento o telespectador é levado a entender o contexto da fotografia, além de acompanhar a emoção do fotógrafo em registrar uma imagem rara.

O fotógrafo relata a importância da vida marinha e a expectativa de que suas fotos façam a diferença, ajudando as pessoas a apreciar e a respeitar o oceano. Um dos principais momentos desse episódio é quando Darren acha a posição ideal para o mergulho junto à fêmea, e consegue fazer um registro entre oito baleias, mostrando ao espectador que o processo de criação fotográfica é, por vezes, mais complexo do que imaginamos. Não é apenas arte, mas, nesse contexto, um instrumento que comunica, conscientiza e conta histórias através da imagem que podem causar impacto e fazer a diferença ao transmitir a mensagem.

Em um segundo momento, aos dez minutos do episódio, o fotógrafo escalou o vulcão Tavurvur (Imagem 5), no Porto de Rabaul – Nova Guiné, para fazer um registro de sua cratera. Foi utilizado um drone e sua câmera com a lente olho de peixe para conseguir fotos panorâmicas nítidas de 180 graus (Imagem 6). Uma das características marcantes dessa série é a explicação do passo a passo no processo presente entre a ideia da fotografia e o resultado final.

Imagem 5: Vulcão Tavorvur



Fonte: Netflix

Imagem 6: Foto com lente olho de peixe

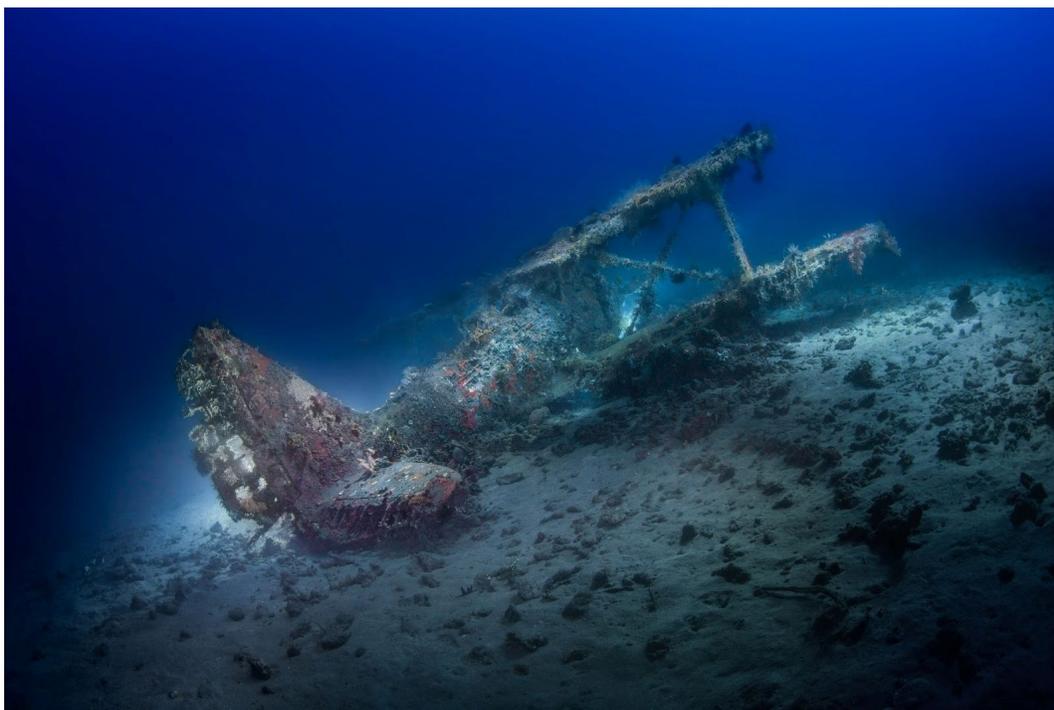


Fonte: Netflix

O narrador informa os riscos que o profissional enfrenta ao buscar realizar a fotografia rara. Já que o vulcão está ativo e pode entrar em erupção a qualquer momento. O resultado da fotografia causou um impacto satisfatório ao fotógrafo, ao ponto do narrador citar que a fotografia tirada no vulcão Tavorvur – *“tornou-se um mundo por si só”*.

Para o terceiro momento, aos quinze minutos, Darren mergulha em Porto de Rabaul–Papua–Nova Guiné - local onde se localizava a base naval das forças militares japonesas durante a Segunda Guerra Mundial (Imagem 7) – Cemitério de destroços e metais retorcidos com o objetivo de registrar um bimotor Mitsubishi de codinome Pit. Para obter a fotografia desejada, Darren- usará a técnica descrita como “Pintar com luz ou Light painting”. Nesse ponto, o produtor cinematográfico da série, Abraham Joffe, fala sobre o método de longa exposição que Darren usará com o auxílio de uma tocha e tripé para que não apenas os espectadores leigos entendam o processo de criação, mas outros fotógrafos também entendam e aprendam a riqueza que existe por trás de uma imagem como essa.

Imagem 7: Bimotor Mitsubishi



Fonte: Netflix

Darren relata a dificuldade em achar o bimotor após 70 anos de naufrágio, o operador de mergulho estava em dúvida se iria achar o local exato do avião devido sua profundidade. Num dado momento, ele faz um mergulho de dez metros e consegue achá-lo enquanto Darren fala da ansiedade e do sentimento em poder mergulhar para registrar uma imagem que sempre sonhou.

Para finalizar esses primeiros cinco minutos, o narrador diz que *“A imagem do bimotor Pit captou a beleza surreal que é realmente inesquecível. Mas também mostra que uma máquina velha, criada para a morte e destruição, transformou-se em um arranjo de corais e invertebrados que continuam a apoiar a vida no fundo do mar em Rabaul”*.

Darren estuda a técnica de pintar com luz para ser usada pela primeira vez, no oceano, à noite. O método de longa exposição será realizado com o auxílio de uma tocha e tripé, com duração de 27 minutos o mergulho. Ele ainda relata a experiência incrível que foi registrar essas fotos, e continua: *“Se as minhas imagens podem influenciar algumas pessoas a cuidar da natureza do nosso mundo, sinto que já fiz a minha parte”*.

Temporada 2: Episódio 1

Título: Natureza sagrada: Parte 1. Duração: 27 min.

Jonathan e Angela Scott (Imagem 8) são fotógrafos premiados de animais selvagens residindo no Quênia. A experiência em Zoologia de Jonathan e a arte visual de Angela formam uma parceria de fotógrafos. Juntos eles ajudaram a levar a Reserva Massai Mara no Quênia a milhões de expectadores através de uma série de televisão bem-sucedida. Eles enfrentam o fato de que a sobrevivência da reserva está em cheque.

Foto 8: Angela e Jonathan Scott



Fonte: Netflix

Esse episódio é dividido em três situações: a primeira registra uma família de leões; a segunda mostra uma festa na reserva Massai; a terceira observa uma família de guepardos, em Serengueti.

No primeiro momento, os fotógrafos saem de jeep ao encontro de uma família de leões, chamados de Bando do Pântano (gerações de leões que eles estão seguindo há décadas), comentam sobre a sua paixão pela África e da intimidade com os mesmos, chegando a reconhecer cada animal. Angela fala que a reserva Mara é como uma joia bem em cima do Serengueti é um lugar muito especial, todas as pessoas que conheceram ficaram admiradas com a abundância da vida selvagem. *“Pra onde você for, tem alguma coisa extraordinária para olhar”*.

Jonathan acrescenta, *“Foi aqui na África que nós, seres humanos evoluímos, era o homem vivendo em harmonia com os animais selvagens. Era viver e deixar viver”*. O fotógrafo relata que a família de guepardos está acuada num arbusto, pois existem dois homens que levam os seus bois para pastar na região de berçário desses animais.

Angela acrescenta: *“Essa é a melhor hora para os fotógrafos, o sol se pondo sob a escarpa e essa luz dourada banhando todo esse capim. Os leões são meus favoritos, o Jonathan gosta de leopardos, mais pra mim, uma mãe com filhotes ou só de estar com um bando de leões é o que mais gosto”*. Nesse momento inicial é

apresentado o lado humano dos fotógrafos e da fotografia, a identificação dos profissionais com o local, o que eles desejam passar através de seu trabalho e o quanto essa identificação pode fazer diferença em seu olhar sobre o ambiente que está inserido.

Conforme mencionado por Berger (1972), a imagem é concebida como uma cena que pode ter sido criada ou reproduzida, carregando consigo um modo particular de ver o mundo. Portanto, aquele que produz ou registra uma imagem é reconhecido como um ator fundamental nesse processo. No entanto, essa valorização nem sempre foi aplicada, especialmente no contexto da fotografia.

Porque [esta] não [é], como se presume frequentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. [...] O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou no papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver (BERGER, 1972, p. 12).

O papel da narradora torna ainda mais importante quando ela contextualiza a escolha do local: Jonathan e Angela foram até uma aldeia Massai nos arredores da reserva. É o lar do seu amigo e ancião dos Massai – William Perri. Eles querem documentar a cultura em transição de William e discutir os problemas de seu povo e da reserva Mara como um todo. Fala-se também da dança como um momento muito importante de lazer e cultura para os Massai (Imagem 9).

Imagem 9: Dança na cultura Massai



Fonte: Netflix

Durante o percurso dos fotógrafos é feito o registro de uma Ave Secretário (Imagem 10), de um bando de Graú Coroado (Imagem 11), e da importância que a área possui em manter mais de 500 espécies de aves na região.

Foto 10: Ave Secretário



Fonte: Netflix

Foto 11: Graú Coroado



Fonte: Netflix

Na chegada ao Desfiladeiro do Leopardo os fotógrafos encontram a mãe com seus filhotes de guepardo em busca de uma presa (Imagem 12), um impala, Jonathan e Angela fazem o registro dessa caçada.

Imagem 12: Em busca da presa



Fonte: Netflix

Narradora: *“A Massai Mara é uma reserva de 1.500 Km², localizada na fronteira sul do Quênia. Ela foi fundada como reserva nacional em 1961, hoje ela enfrenta sérias ameaças a sua preservação. O desenvolvimento de acampamentos não planejados e a contínua invasão de milhares de cabeças de gado aumentaram a pressão sob a paisagem. Até o rio Mara diminuiu de volume nos últimos anos”.*

Jonathan e Angela estão determinados a conseguir proteção para a reserva Mara até a próxima geração. Achar soluções que atendam ao meio ambiente e aqueles que vivem em suas terras ancestrais.

Fala de Jonathan: *“Nosso objetivo é chamar a atenção para a reserva Mara e para o Seringuéti através de filmes e fotos que provoquem compaixão, que criem emoção, porque se pudermos tocar nos nossos espectadores pra eles se preocuparem de verdade com esse lugar, então teremos conseguido”.*

Nesse episódio o que se destaca não são as técnicas e as dificuldades encontradas pelos fotógrafos para seus registros, mas a preocupação desses profissionais em fazer de suas fotografias verdadeiros instrumentos que comuniquem, passem a mensagem, da importância de preservação do local, da riqueza cultural do ambiente. A afinidade que o casal passou a ter com essa região faz com que o olhar acerca do cotidiano seja mais rebuscado, a diferença, para eles, está nos detalhes da visão que eles tem sobre esse “mundo”.

Temporada 3: Episódio 3

Título: Algo errado no paraíso - Parte 1. Duração: 22 min.

Shawn Heinrichs é um cineasta, fotógrafo, e conservacionista marinho. A narradora explica que ele tem uma profunda afinidade com o oceano e por diversas criaturas que ele encontra. No entanto, depois de anos expondo as atrocidades cometidas contra esses animais, Shawn adotou uma visão pessimista do futuro. Mais isso mudou quando teve a chance de conhecer uma área remota da Indonésia, um lugar de expressiva biodiversidade marinha. Das endêmicas criaturas marinhas e terrestres até os habitats ricos e variados, Shawn encontrou a jóia dos oceanos, ele agora se empenha em registrar a beleza e a conexão do que ele sente dando voz às criaturas que não tem voz.

Imagem 13: Shawn Heinrichs



Fonte: Netflix

O terceiro episódio analisado é dividido em três situações: a primeira registra tubarões-baleias nas águas claras de Isla Mujeres, que fica a 13 quilômetros da costa de Cancún no México, mais precisamente na península de Lucatan, lugar de fauna selvagem mais bonita dos oceanos e faz vários registros de tubarões-baleias; a segunda em Raja Ampat, quando, em uma semana de mergulho, não encontram com tubarões nem raias mantas; a terceira registra de Águas Vivas, *“no meio das ilhas tem um lago totalmente separado dos oceanos a milhares de ano/s, e dentro dele numa época há várias espécies de água viva que não queimam, nosso desejo é*

conseguir ir até lá". O registro dos tubarões e baleias acontece ainda nos primeiros cinco minutos, a retirada das barbatanas é abordada aos dez e, aos quinze, vemos o registro das raias e águas vivas.

Aos dez minutos do episódio, o cineasta se questiona: *"Deve haver algum lugar que não houve intervenção humana. Eu preciso encontrar essa última pérola. Um lugar que ainda não foi alvo de exploração. E me falaram de um lugar chamado Raja Ampat na Indonésia"*. O fotógrafo ainda relata que sua primeira visão de Raja Ampat era das montanhas com árvores que nunca viram uma moto-serra.

O cineasta mergulhou do extremo leste até o extremo oeste em canais com corais moles com o dobro da altura de um homem. E você podia passar o braço no meio dos peixes, tinham muitos peixes, e as cores dos corais, tinham mais de 500 espécies de corais duros e moles em cores muito vibrantes, e com a luz e as correntes, é como se espalhassem seus tentáculos e iluminassem essa vista incrível. O cineasta ainda acrescenta: *"Eu me lembro de ir pensando e nadando: Nossa, eu encontrei um paraíso, em mais de uma semana não vimos nenhum tubarão"*.

O episódio é rico em imagens subaquáticas. Quando Shawn vai ao paraíso de Raja Ampat e não encontra tubarões nem raias manta em suas águas. Ele desperta e diz: *"Ou eu me tornaria parte da solução, ou fecharia os olhos e iria embora? Mas isso eu não faria"*.

Shawn passou cinco anos filmando a pesca de tubarões onde suas barbatanas eram retiradas com o animal vivo. Servindo como iscas as raias e golfinhos da região (Imagens 14 e 15).

Imagem 14: Golfinhos mortos



Fonte: Netflix

Imagem 15: Barbatanas de tubarão



Fonte: Netflix

Num certo dia ele foi ao acampamento de pescadores de tubarões logo de manhãzinha, e lá estava um tubarão-lixo em cima dos corais com suas barbatanas cortadas. *“Ele estava estirado lá, tentando nadar, mas as suas barbatanas tinham sido cortadas. Eu olhei nos olhos dele e fiquei arrasado”*. (Imagem 16).

Imagem 16: Tubarão sem barbatana



Fonte: Netflix

Através desta imagem, Shawn deu voz a uma campanha sobre remoção de barbatanas na China, tendo como embaixador o jogador de basquete chinês que atuava na NBA, Yao Ming.

Criaram um comercial com o apoio do governo Chinês, sendo exibido em horário nobre para milhões de pessoas. Essa campanha reduziu o consumo de 70% a 80% o consumo de barbatana de tubarão na China.

Voz e imagem de Yao Ming: *“Lembre-se, quando nós não consumimos, eles não precisam morrer”*. (Imagens 17 e 18).

Imagem 17: Foto do Comercial



Fonte: Netflix

Imagem 18: Yao Ming



Fonte: Netflix

Segundo Barthes (1984), a utilização da fotografia no contexto educacional tem o potencial de ir além da sua estética, permitindo que a percepção da imagem capturada expresse muito mais. A fotografia pode levar o sujeito a explorar novas linguagens e até mesmo adentrar a dimensão política dos fenômenos representados. Isso ocorre porque o conteúdo presente naquele enquadramento não se limita a

sentidos superficiais que apenas impressionam e causam ruídos na comunicação, mas também fornece detalhes que constituem o próprio conhecimento em sua essência.

De acordo com Dahlström (2019), as histórias têm um efeito persuasivo em nós porque elas se conectam conosco emocionalmente. Elas podem tocar em algo que já estava ali, como um interesse, paixão, ou assunto que importa para nós; ou a própria história pode nos convencer de algo. De qualquer forma, a chave para o efeito persuasivo está na conexão que a história e o contador de histórias faz com a pessoa do outro lado – da mesma forma que os contadores de história sempre fizeram.

A narradora explica que Shawn quer ser um ponto luminoso de esperança e de incentivo a mudança. Junto ao amigo e biólogo marinho, Mark Erdmann, eles fizeram um trabalho de empenho e conscientização com a comunidade onde uma grande área marinha ficaria sob o cuidado delas, para que assim os pescadores não pescassem ali, pois os peixes estavam sumindo.

Algum tempo depois dessa conscientização com a população, Shawn faz um mergulho em Misool, uma Ilha na Indonésia. *“Misool foi uma área de remoção de barbatanas de tubarão e de pesca com explosivos. Quando eu cheguei lá, um lado inteiro da ilha tinha sido bombardeada, e nem sinal de tubarão. Agora, quando eu mergulhei, logo de cara, perto do cais, eu vi milhares de peixes, Pargos Vermelhos, Garoupa e Peixes Napoleão. Vi também dezenas de Tubarões de Ponta Preta. Não tem como não ficar maravilhado com o fato de que uma área de remoção de barbatanas se tornou um dos mais belos refúgios da natureza. Se isso é possível, tudo é possível”.*

Aos quinze minutos de episódio, o fotógrafo decide explorar outro ecossistema encontrado no meio de outras ilhas vizinhas. Shawn mergulha no lago com sua câmera e alguns refletores e registra muitas águas vivas no lago (Imagem 19).

Imagem 19: Shawn com a câmera



Fonte: Netflix

Shawn: *“Que experiência fantástica! Este lago é completamente separado do resto do oceano e têm várias coisas, principalmente águas vivas lindas! Tem várias espécies, mas as laranjas são lindíssimas. E quando você vê a luz atravessando o corpo delas que é translúcido e observa o movimento delas. Algumas são bem rápidas, é uma experiência incrível. Só de saber que existe um lago como esse e ter a chance de nadar nele, é uma coisa muito especial”* (Imagem 20).

Imagem 20: Águas vivas



Fonte: Netflix

Aos vinte minutos desse episódio, Shawn está submerso e com equipamento de mergulho. Ele consegue fazer o registro de uma Raia Manta Negra (Imagem 21) *“Ela quase passa de raspão na minha lente. As Mantas são animais muito inteligentes e curiosos. Ter a oportunidade de passar um tempo com essa mocinha aqui embaixo é muito especial”*.

Imagem 21: Raia Manta Negra



Fonte: Netflix

A Narradora explica que Raja Ampat é a região maior da Papua Ocidental. Abrigam mais de 600 espécies de corais duros. Isso representa 75% do total do planeta. A área também é conhecida por conter mais de 1.800 espécies de peixes de recife. Essa abundância incomparável permitiu que a equipe do Dr. Mark Erdmann documentasse 384 espécies de peixes num único mergulho. Esses números impressionantes colocaram a região no topo da biodiversidade marinha do mundo.

Shawn afirma: *“Conseguimos que toda Raja Ampat se transformasse num santuário de tubarões e raias. O primeiro do tipo em toda Indonésia. Essa experiência me deixou extasiado, me apaixonou”*.

A transformação só foi possível graças ao trabalho do fotógrafo que não mediu esforços em transformar seu trabalho em um poderoso instrumento de comunicação que transmitia um grave alerta sobre a importância da preservação daquele ambiente.

Planilha de análise

Tabela 1- Temporada 1: Episódio 1 Título: Submerso

TEMPO	ABERTURA	SOM	ÁUDIO	IMAGEM	OBJETIVO
1º - 5 minutos	Netflix Apresentação Mote com música instrumental seguindo toda a abertura até o final Imagens de fotógrafos de outras temporadas Fotos pelo fotógrafo do episódio Apresentação do fotógrafo pelo narrador e objetivo das imagens do episódio.	Música Instrumental	Fala do Narrador na 3º pessoa Fala do Fotógrafo na 1º pessoa Fala do Cineasta da Série na 3º pessoa O fotógrafo fala da sua interação com as baleias	Abertas e fechadas Fotógrafo Cineasta Fundo do mar Baleias Jubartes	Fotografar baleia Jubarte com seu filhote e durante o período de acasalamento
2º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala do Narrador na 3º pessoa Fala do Fotógrafo na 1º pessoa Fala do Cineasta da Série na 3º pessoa Fotógrafo e Cineasta falam da importância de registrar o acasalamento das baleias	Abertas e fechadas Registro da mãe e filhote de baleia Jubarte com lente grande angular O Fotógrafo fala da importância da luz para a composição da melhor imagem	O fotógrafo faz um mergulho de 30 segundos fazer o registro das baleias passando entre ele
3º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala do Fotógrafo na 1º pessoa Fala do Narrador Fala do Fotógrafo na 1º pessoa O Fotógrafo fala do perigo em fazer o registro de um vulcão ativo	Abertas e fechadas A caminho e no topo da cratera de vulcão ativo Registro da cratera de um vulcão com drone, câmera e lente olho de peixe	Fotografar a cratera de um vulcão em atividade

4º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala do Narrador na 3ª pessoa Fala do Fotógrafo na 1ª pessoa Diálogo do fotógrafo com o mergulhador Fotógrafo fala da ansiedade em fazer o registro do bimotor, pois se tratava de um sonho de infância	Abertas e fechadas Imagens do fundo do mar, à noite onde o bimotor está naufragado O Fotógrafo fala da técnica que será utilizada. Pintura com Luz	Fotografar um bimotor que está naufragado há mais de 70 anos no período da Segunda Guerra Mundial
5º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala do Narrador Fala do Fotógrafo na 1ª pessoa	Abertas e fechadas Imagens de fotografos de outras temporadas Fotos pelo fotógrafo do episódio	
6º - 5 minutos	****	****	****	****	****

Fonte: os autores

Tabela 2- Temporada 2: Episódio 1 Título: Natureza sagrada: Parte 1

TEMPO	ABERTURA	SOM	ÁUDIO	IMAGEM	OBJETIVO
1º - 5 minutos	Netflix Apresentação Mote com música instrumental seguindo toda a abertura até o final Imagens de fotografos de outras temporadas Fotos pelo fotógrafo do episódio Apresentação do fotógrafo pelo narrador e objetivo das imagens do episódio.	Música Instrumental	Fala da Narradora na 3ª pessoa do plural Fala dos Fotógrafos na 1ª pessoa	Abertas e fechadas Os fotografos se preparando junto ao Jeep para fazer seus registros de vida selvagem na África	Fazer registros da família de Leões e dos Massais

2º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala da Narradora na 3º pessoa do plural Fala dos Fotógrafos na 1º e 3º pessoa Conversa de Jonathan e William	Abertas e fechadas de vários ângulos	Registrar a Reserva Massai, seu povo, sua cultura Falar da importância dos Massai na preservação da vida selvagem
3º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala dos Fotógrafos na 1º pessoa Jonathan fala da importância da preservação	Abertas e fechadas Angela fala que o melhor horário para se fotografar na Reserva é no fim de tarde	Registro da família de Leões e seus filhotes
4º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala dos Fotógrafos na 1º pessoa Fala da Narradora na 3º pessoa Jonathan fala do comércio ilegal de pele	Abertas e fechadas Imagem dos fotógrafos indo ao desfiladeiro do Leopardo	Chegar no desfiladeiro do Leopardo Ao chegar no desfiladeiro, encontraram uma família de Guepardo Registraram também invasão de bois em territórios de maternidade da reserva
5º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala dos Fotógrafos na 1º e 3º pessoa	Abertas e fechadas de vários ângulos	Jonathan faz um registro de duas espécies de aves. Uma Ave Secretário e um Graú Coroado Eles registraram a caça dos Guepardos a um Impala
6º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Angela acerca dos registros fotográficos que fez Narradora fala do próximo episódio	Abertas e fechadas Imagens do fim do dia deles voltando pra casa	Apresentar ao espectador os registros fotográficos do dia

Fonte: os autores

Tabela 3- Temporada 3: Episódio 3 Título: Algo errado no paraíso - Parte 1

TEMPO	ABERTURA	SOM	ÁUDIO	IMAGEM	OBJETIVO
1º - 5 minutos	Netflix Apresentação Mote com música instrumental seguindo toda a abertura até o final Imagens de fotógrafos de outras temporadas Fotos pelo fotógrafo do episódio Apresentação do fotógrafo pelo narrador e objetivo das imagens do episódio.	Música Instrumental	Fala da Narradora na 3º pessoa do plural Fala dos Fotógrafos na 1º pessoa	Abertas e fechadas Os fotógrafos se preparando junto ao Jeep para fazer seus registros de vida selvagem na África	Fazer registros da família de Leões e dos Massais
2º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala da Narradora na 3º pessoa do plural Fala dos Fotógrafos na 1º e 3º pessoa Conversa de Jonathan e William	Abertas e fechadas de vários ângulos	Registrar a Reserva Massai, seu povo, sua cultura Falar da importância dos Massai na preservação da vida selvagem
3º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Fala dos Fotógrafos na 1º pessoa Jonathan fala da importância da preservação	Abertas e fechadas Angela fala que o melhor horário para se fotografar na Reserva é no fim de tarde	Registro da família de Leões e seus filhotes
4º - 5 minutos	****	Música Instrumental Som do ambiente durante o mergulho	Fala dos Fotógrafos na 1º pessoa Fala da Narradora na 3º pessoa Jonathan fala do comércio ilegal de pele	Abertas e fechadas Imagem dos fotógrafos indo ao desfiladeiro do Leopardo	Chegar no desfiladeiro do Leopardo Ao chegar no desfiladeiro, encontraram uma família de Guepardo Registraram também invasão de bois em territórios de maternidade da reserva

5º - 5 minutos	****	Música Instrumental Som do ambiente durante o mergulho	Fala dos Fotógrafos na 1º e 3º pessoa	Abertas e fechadas de vários ângulos	Jonathan faz um registro de duas espécies de aves. Uma Ave Secretário e um Graú Coroado. Eles registraram a caça dos Guepardos a um Impala
6º - 5 minutos	****	Música Instrumental	Angela acerca dos registros fotográficos que fez. Narradora fala do próximo episódio	Abertas e fechadas. Imagens do fim do dia deles voltando pra casa	Apresentar ao espectador os registros fotográficos do dia

Fonte: os autores

Quando você está planejando uma filmagem ou gravação, pense em sequências, não em tomadas únicas. Uma sequência é um grande parágrafo visual, um agrupamento de tomadas que registram um evento ou compartilham uma ideia do filme pronto. Uma tomada está para uma sequência assim como uma sentença está para um parágrafo (WATTS, 1999, p.18).

A série traz uma construção narrativa que nos permite enxergar a fotografia como um importante instrumento de comunicação. As informações apresentadas pelos narradores e pelos próprios profissionais complementam as mensagens passadas pelas fotografias que por si só causam um impacto a quem as vê pela primeira vez. A sequência pensada para o roteiro nos permite ter uma clareza das informações que precisam ser passadas, seja de forma narrada ou imagética, do ponto de vista técnico e profissional ou humano. Fazendo com que as ideias estejam organizadas de forma clara e sucinta. A preocupação dos fotógrafos em obter uma imagem o mais próximo da realidade não apenas causa admiração, mas reflexão acerca dos temas por eles levantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos com a análise da série “Tales by Light” que as fotografias, assim como os textos jornalísticos podem informar com seriedade sobre os mais variados temas. A série nos mostra que não se trata apenas de uma arte, embora também possa ser, mas, também, de um instrumento, quando bem utilizado, para levar ao mundo informações e fatos importantes sob o olhar daqueles que aprenderam a comunicar através de imagens.

A fotografia pode ser um documento que transmite informações. Segundo Boccato e Fujita (2006), a linguagem fotográfica tem um código e, assim, ela possui um signo, um significante e um significado. A partir da análise dos episódios da série “Tales by Light”, percebemos que uma fotografia nos permite admirar, informar e refletir.

Ao longo dos episódios conhecemos o lado do processo criativo dos fotógrafos, as diferentes técnicas que podem ser utilizadas e o que leva um profissional a querer mostrar ao mundo o seu olhar diante da realidade que escolheu vivenciar.

A série, entretanto, não trata apenas da rotina de grandes fotógrafos em busca da melhor fotografia, mas da importância de comunicar problemáticas, por meio do fotodocumentarismo, a uma certa população. A imagem fotográfica pode ser ambígua permitindo inúmeras interpretações do seu sentido aos olhos de quem a vê, a contempla, a sente e a analisa. Assim, a mesma fotografia de um animal mutilado pode causar desprezo, indignação, repúdio e até conscientização.

Pode-se inferir que o objetivo dos profissionais da série é apresentar o conteúdo da imagem fotográfica de forma contextualizada e acessível, permitindo a socialização do conhecimento sobre as temáticas e as técnicas fotográficas com o espectador, seja ele um fotógrafo ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara** - Nota sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1972.

BOCCATO, Vera Regina Casari, FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **Discutindo a análise documental de fotografias**. Cadernos BAD 2 (2006).

BUENO, Wilson da costa. **Comunicação, Jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real**. Usp. br, 2016

CUNHA, Isabel M. R. Ferin– **“Análise documentária”**. In: SMIT, Johanna Wilhelmina (Coord.) – **Análise documentária: a análise da síntese**. 2.^a ed. Brasília: IBICT, 1989. p. 39-62.

DAHLSTRÖM, A. **Storytelling in Design: Defining, Designing, and Selling Multidevice Products**. Sebastopol: O’Reilly Media, 2019.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

NETFLIX. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

PANOFSKY, Erwin – **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J.Guinsburg. 2.^a ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SMIT, Johanna Wilhelmina – **“A análise da imagem: um primeiro plano”**. In SMIT, Johanna Wilhelmina (Coord.) – **Análise documentária: a análise da síntese**. 2.^a ed. Brasília: IBICT, 1989. p. 101-113.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera Um manual de técnica de vídeo e cinema**. São Paulo: Summus, 1999.